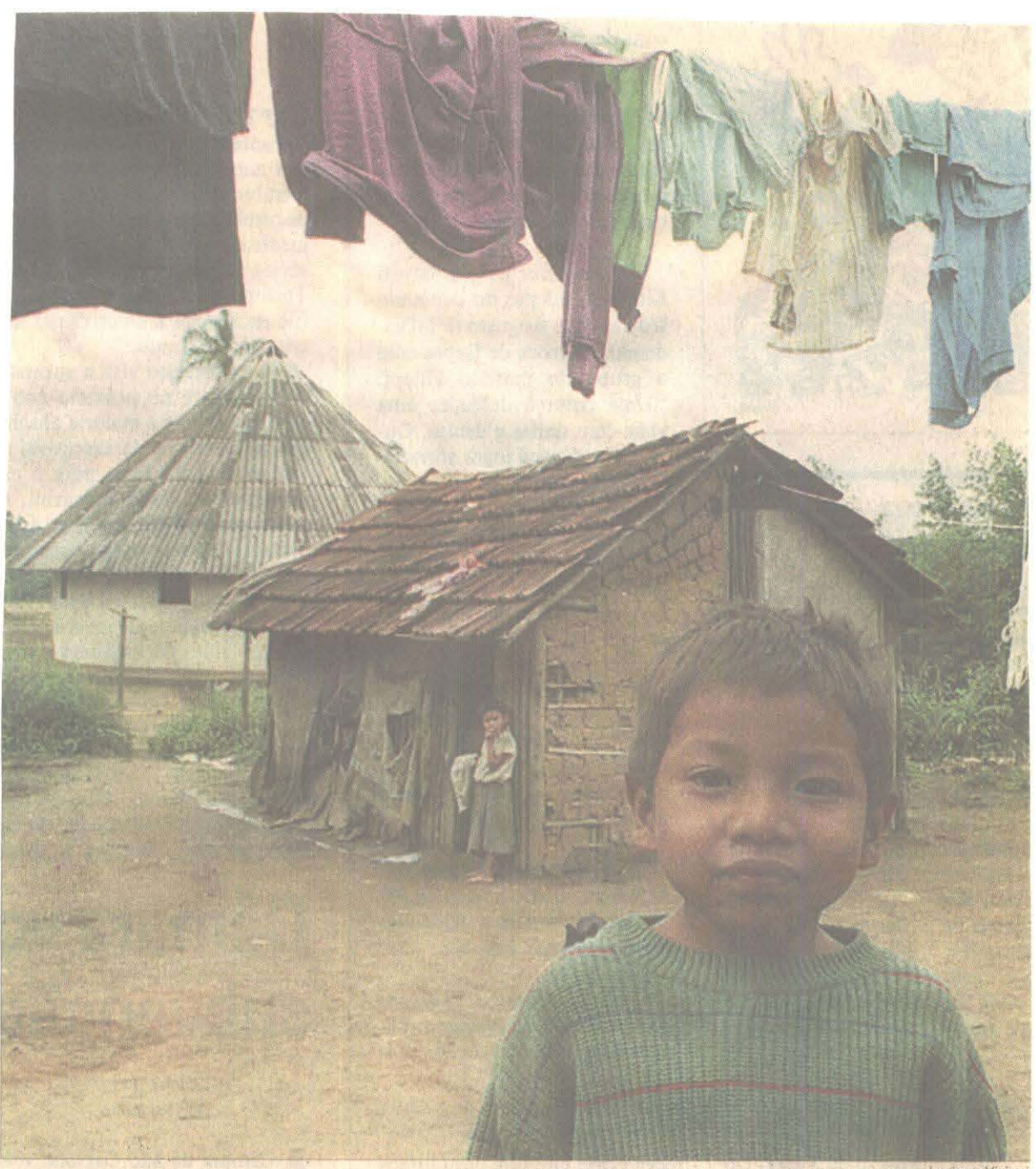


|     |  |  |  |  |  |  |  |  |      |
|-----|--|--|--|--|--|--|--|--|------|
| 190 |  |  |  |  |  |  |  |  | 1524 |
|-----|--|--|--|--|--|--|--|--|------|



**GUARANIS DA NOVA ERA**  
Aldeia vive entre a tradição do pau-a-pique e ocas cobertas com telhas de amianto

Luciano Vicioni



# Índios da Billings perseguem identidade

Ao mesmo tempo em que usam cocares e tentam resgatar tradições, nativos de aldeia que margeia a represa convivem com telefone, rádio e TV

MARIA ANGÉLICA SALES  
Da Redação

Elas já foram mais. Hoje, são quase 35 mil espalhados em oito Estados do território brasileiro. Os mais próximos ficam a pouco mais de uma hora do Grande ABC. O acesso é feito através da balsa do Riacho Grande, sucedida por um longo percurso em estrada de terra. A referência diz respeito aos 320 índios que vivem na Aldeia Morro da Saudade (ou *Tekoá Da Wai*, na língua local, o guarani), margeia da represa Billings, e que hoje lutam para resgatar a identidade indígena. Segundo eles, sua cultura tem sido devastada gradativamente pela ação do homem.

Enquanto pregam, em seu dialeto, a reconquista das tradições de mais de 500 anos, deitam-se em colchões ortopédicos, deliciam-se com latas de doces industrializados, assistem TV, ouvem rádio e dispõem até de um telefone comunitário. À primeira vista, a aldeia pode frustrar as expectativas. Vestidos com jeans, cintos e jaquetas de couro, os nativos impressionam pela urbanidade.

O alívio acontece no primeiro contato. Diante de suas ocas de barro e madeira, com cocares no pescoço e eventuais pinceladas de tinta no rosto, os índios explicam a necessidade de acompanhar os novos tempos. "Não podemos ficar sem roupa se estamos perto do homem branco. A quebra do

ecossistema também nos obriga a comprar alimentos na cidade", afirma Antonio Carlos Karai Mirin, professor do Centro de Cultura Indígena Guarany Ambá Arandú.

Karai Mirin é o principal ativista na luta que pretende resgatar a identidade dos guarani (no singular). Ele tem 150 alunos no pré-primário e primário e coordena um grupo de teatro.

A exceção do pajé da aldeia, José Fernandes, que prepara chás frugais com ervas colhidas na área, apenas um médico visita voluntariamente o local uma vez por semana. "Os visitantes trazem doces, mas não trazem dentista", contou Karai Mirin.

A principal fonte de renda é a venda de artesanato e palmito. Muitos índios tomam ônibus e vão vender seus produtos em feiras de São Paulo. Doações de alimentos, roupas, remédios e dinheiro (a moeda corrente é o real, mas trocas são feitas entre os nativos) são bem-vindas. O casal Pedrinho e Francisca Gabriel confeccionam balaios, leques e chocalhos com tiras de taquara, penas de galinha e sementes de flores. O preço médio é R\$ 10,00.

Como no calendário dos guarani tudo começa a partir da primavera, a ocasião é ideal para uma visita. Dos rituais sagrados à rotina de crianças se agarrando a cipós, os índios provam que seu encanto é maior na vida real do que nos faroestes americanos.



Luciano Vicioli

## UM, DOIS, TRÊS INDIOZINHOS

Crianças da aldeia Morro da Saudade, que se distraem brincando entre os bananais e se agarrando a cipós



Luciano Vicioli

## ARTE E SUSTENTO

Índia guarani confecciona cesto na aldeia onde moram 320 pessoas

## Nativo já cursa a segunda faculdade

Da Redação

Quando ele fala de suas propostas de reestruturação indígena e reclama das consequências negativas da colonização brasileira, a impressão é que se está diante de um nativo autodidata. Mas a realidade é outra. Formado em história por uma faculdade do Rio de Janeiro e estudante de pedagogia da Uniban (Universidade Bandeirante), o guarani Antonio Carlos Karai Mirin se entusiasma ao falar de sua cultura.

"Hoje, com o desequilíbrio, os casais têm até 10 filhos. Antes, nossa média era de três crianças", conta. Outra derrota para a modernidade é a idade em que os índios estão casando, por volta dos 13 anos. "O ideal é que só se casassem aos 20", lamenta.

Atualmente, Karai Mirin se dedica a alfabetizar crianças na Escola Indígena Ambá Arandú, que existe há dois anos e já foi reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação. "Só falta a oficialização". (MAS)

## Cacique da aldeia acumula funções

Da Redação

O cacique da aldeia Morro da Saudade, José Fernandes, o *Iguarapepó*, acumula funções na administração da tribo. Além de atuar como guardião do local, prerrogativa do cacique, ele também é o pajé. Por conta do emprego secundário, cura doentes com chás feitos à base de ervas e faz partos nas mulheres.

"Sou cacique há 14 anos, fui escolhido pela comunidade", afirma. José Fernandes realiza semanalmente reuniões em sua oca, a maior da aldeia, batizada de *Casa da Reza*. O evento é religioso e na ocasião os nativos aproveitam para fazer pedidos ao *Nhanderu Papá*, o Deus Pai que, segundo eles, está em toda parte.

Distante de São Paulo a pelo menos uma hora, nem o pajé escapa dos impulsos consumistas. "Gosto de comprar comida, doces. Mas não viveria em São Paulo. É muito barulhento". (MAS)



Luciano Vicioli

## MEDICINA E COMANDO

O pajé e cacique *Iguarapepó*, que faz partos e cura doentes com chás

## ALDEIA

Conheça um pouco da cultura e da história da nação guarani, na Billings e no Brasil

**Nome da tribo:** Morro da Saudade (*Tekoá Da Wai*, na língua local)

**População:** 320 índios (divididos em 90 famílias)

**Área:** 26 hectares e 30 áreas (demarcação de 1985)

**Língua oficial:** guarani

**Localização:** Estrada João Langue, Santo Amaro, São Paulo. Acesso pelo bairro Tatetos, Riacho Grande, após a balsa, em São Bernardo

**Moeda:** Real (a troca também é negociada entre os índios)

**Escola Indígena Ambá Arandú:** 150 alunos, em duas turmas de pré-primário e duas turmas de primário.

**Agricultura:** Plantação de bananas, mandioca, palmito, milho, batata-doce e laranja

**Fonte de Renda:** Venda de artesanato e palmito e doações

**Estados em que a nação está espalhada:** São Paulo, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Maranhão

**População no Brasil:** 33 a 35 mil índios

Fonte: Antonio C. Karai Mirin - Editora de Arte